

# EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

## EDUCAR PARA PREVENIR - ESTUDO DE CASO

[2014]

**Raquel Carvalho Fonseca Neves**

Licenciada em Serviço Social. Mestre em Serviço Social

**Susana Isabel Vicente Ramos**

Licenciada em Psicologia. Mestre em Psicologia Clínica. Doutorada em Ciências do Desporto. Professora Auxiliar de Nomeação Definitiva na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (Portugal)

E-mail de contato:

[susanaramos@fcdef.uc.pt](mailto:susanaramos@fcdef.uc.pt)

---

### RESUMO

A questão principal a que este trabalho pretende responder é conhecer as expetativas em relação à implementação da educação sexual nas escolas, sendo o objetivo geral conhecer a perceção dos jovens relativamente à educação sexual, as suas expetativas relativamente às aulas de educação sexual e sua efetivação. O estudo descritivo foi feito na Escola X, com uma amostra não representativa de 39 alunos com idades entre os 14 e os 18 anos. Foi elaborado um questionário administrado em dois momentos distintos, no mesmo ano letivo, um no início e outro próximo do final.

**Palavras-chave:** Adolescência, educação sexual, escola, família.

---

### INTRODUÇÃO

“Inquiridos pelo filho acerca da forma como tinha nascido, os pais, embaraçados, responderam-lhe que tinha nascido através de um buraco existente no teto. Certo dia, a entrada de água por esse buraco obrigou o pai a tapá-lo, precisamente com a ajuda da esposa para o elevar. Nesse momento, o menino vai atender o telefone que tocava. Foi-lhe pedido que chamasse o pai



ao que ele respondeu: - Ele não pode vir, está em cima da minha mãe a tapar o buraco por onde eu nasci.”

Esta história foi contada por um pai, numa reunião de encarregados de educação, onde se debatia o tema “educação sexual”. Esse mesmo pai disse ter nascido numa aldeia onde nem sequer havia luz, onde havia muita credence em bruxedos e fantasmas, que se manifestavam especialmente depois de anoitecer. Ora, esta poderá ser uma ilustração perfeita dos vários aspetos da problemática da educação sexual.

A educação sexual está contemplada na legislação, desde 1984 pela lei nº 3/84 de 24 de março *Lei da Educação Sexual e Planeamento Familiar*, tendo chegado às escolas pelo Ministério da Saúde com linhas orientadoras para a sua implementação – *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*, prevendo-se a sua abordagem em todos os ciclos de ensino, com um aprofundamento adequado ao nível etário dos alunos. Prevê-se, também, que as disciplinas contemplem a educação sexual nos seus programas, que haja trabalhos interdisciplinares e o desenvolvimento de projetos extracurriculares. Para que tudo funcione e não se fique pelo campo das intenções, está prevista a formação de um núcleo dinamizador e coordenador destas atividades e a formação do pessoal docente e não docente.

Contudo, a educação sexual nas escolas não substitui o papel nem a responsabilidade das famílias. A formação dos jovens realiza-se em contextos diferentes, dos quais a escola e a família são dos mais importantes, embora não exclusivos, pois não são apenas os conhecimentos transmitidos formal e intencionalmente que contribuem para ela. Os pais, os professores e outras figuras de referência na vida dos jovens são modelos, cujos valores, atitudes e comportamentos do quotidiano, mesmo os manifestados inconsciente ou involuntariamente, podem ser por eles reproduzidos. Daí que a formação de docente e de encarregado de educação se torne muito importante - mas importante é a colaboração entre a escola e a família, para que a atuação de ambas seja rentabilizada e complementada. É preciso que se “faça luz” no domínio de educação sexual, para que desapareçam os “fantasmas” e para que não se criem situações embaraçosas como a acima referida. É preciso que se “faça luz” para que os jovens possam crescer vivendo a sua sexualidade de uma forma saudável e esclarecida (AZ – professora).

## **Adolescência**

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano caracterizada por alterações físicas, psíquicas e sociais, sendo que estas duas últimas recebem interpretações e significados diferentes dependendo da época e da cultura em que se insere. A maturação biológica inerente a este período e consequentes transformações, ao nível do corpo, necessitam de um reajustamento do adolescente, quer em relação a si próprio como às pessoas que o rodeiam.



A adolescência é uma extraordinária etapa na vida de todas as pessoas, pois é nela que a pessoa descobre a sua identidade e define a sua personalidade. Nesse processo, manifesta-se uma crise, na qual se reformulam os valores adquiridos na infância e se assimila numa nova estrutura mais madura - é uma época de imaturidade em busca de maturidade. Este é o período pelo qual uma criança se transforma em adulto, contudo não se trata apenas de uma mudança na altura e no peso, nas capacidades mentais e na força física, mas, também, de uma grande mudança na forma de ser, de uma evolução da personalidade.

As principais alterações que sucedem nas diferentes etapas da adolescência (Relvas, 2000):

a. A puberdade ou adolescência inicial (11 a 14 anos): nasce a intimidade (o despertar do próprio "eu"); crise de crescimento físico, psíquico e maturação sexual; não há ainda consciência daquilo que se está a passar; conhece pela primeira vez as suas limitações e fraquezas, e sente-se indefeso perante elas; desequilíbrio nas emoções que se reflete na sensibilidade exagerada e na irritabilidade de caráter; "não sintoniza" com o mundo dos adultos; efugia-se no isolamento ou no grupo de companheiros de estudo, ou integra-se num grupo de amigos.

b. A adolescência média (13 a 17 anos): do despertar do "eu" passa-se à descoberta consciente do "eu", ou da própria intimidade -a introversão tem agora lugar, pois o adolescente médio precisa de viver dentro de si mesmo; aparece a necessidade de amar, costumam ter imensas amizades e surge o "primeiro amor"; a timidez é característica desta fase - medo da opinião alheia, motivado pela desconfiança em si mesmo e nos outros; conflito interior ou da personalidade; comportamentos negativos, de inconformismo e agressividade para com os outros, causados pela frustração de não poderem valer-se por si mesmo.

c. A adolescência superior (16 a 22 anos): começa a compreender-se e a encontrar-se a si mesmo e sente melhor a integração no mundo onde vive; apresenta um significativo progresso na superação da timidez; é mais sereno na sua conduta e mostra-se menos vulnerável às dificuldades; tem maior autodomínio, é a época de tomar decisões: futuro, estudos...; começa a projetar a sua vida; estabelece relações mais pessoais e profundas.

Se a adolescência é mais do que um processo de alterações fisiológicas, mas todo um conjunto de mudanças psicológicas, sociais, sexuais e emocionais, então não é possível fixar o seu início no aparecimento da menstruação nas raparigas ou das primeiras ejaculações com espermatozoides nos rapazes, uma vez que há outros fatores a ter em consideração. Sabe-se que, ainda que nas raparigas a puberdade surja em média dois anos antes dos rapazes, estes tendem a despertar para o prazer sexual em média dois a três anos antes das raparigas (Knoth et al., 1988, cit. por Baldwin & Baldwin, 1997), o que nos indica que algumas das alterações que tendemos a considerar típicas da puberdade são, na verdade, condicionadas por outros fatores sociais e culturais que podem anteceder-las.



Assim, acontecimentos que poderiam ser indicadores de uma maior autonomização das figuras parentais e que se poderiam constituir como momentos-chave de entrada na vida adulta (rituais de passagem, se quisermos), como é o caso da maioridade legal (e com ela a possibilidade de votar e de tirar a carta), do cumprimento do serviço militar, do início de uma vida profissional ativa, ou até mesmo do ter filhos, acabam, nos dias de hoje, por não pôr um ponto final à adolescência.

Segundo Stanley Hall (1844-1924), psicólogo norte-americano que dedicou uma parte importante do seu trabalho ao estudo da adolescência, a adolescência seria caracterizada pela instabilidade - *sturm und drang* (tensão e agitação) - devido ao fato de recapitular um período histórico de transformações rápidas e caóticas ligadas ao processo civilizacional (Sprinthall & Collins, 1988). Assim, chega-nos a ideia da adolescência como um momento particularmente problemático do desenvolvimento, porém, o que os estudos nos demonstram é que durante o período de vida que decorre aproximadamente entre os 10 e os 21 anos, apenas uma minoria (entre 10 e 20%) sofre de distúrbios psicológicos ou desenvolvimentais graves. O consumo de drogas duras, por exemplo, apesar de chegar à opinião pública com contornos de uma pandemia entre os jovens, ocorre apenas em menos de 2% dos adolescentes portugueses (Matos et al, 2003). Da mesma forma, problemáticas relacionadas com o comportamento alimentar (anorexia e bulimia), com a depressão e o suicídio, são características de apenas uma minoria dos adolescentes.

## **Sexualidade**

No que diz respeito à questão da sexualidade, e apesar de este ser um tema cuja importância vai sofrendo alterações ao longo da vida, para o adolescente é algo que quase se impõe, independentemente da sua vontade. Na maioria das sociedades é um momento marcante, para a rapariga, a chegada da primeira menstruação, de tal forma que o seu comportamento poderá sofrer com as mudanças hormonais e as adaptações do seu corpo. O ingresso neste mundo está intimamente ligado a ritos de iniciação, que se diferenciam entre regiões do mesmo país ou entre países, mas constituem uma importante parte da cultura, tendo lugar na puberdade e de formas separadas para rapazes e raparigas. Nestes momentos, simplesmente traduzidos, por exemplo, numa conversa entre um dos pais e o filho(a), ou adquirindo a dimensão de uma cerimónia comunitária, pretende ensinar-se a lidar com a sexualidade e outros aspetos da vida adulta, ajudando a compreender um conjunto de mudanças ocorridas no corpo. Numa preparação para os desafios da vida em sociedade, os ensinamentos são transmitidos, consoante a tradição ou a oportunidade, pelos pais, pela família, por educadores, por pessoas mais velhas e de experiência reconhecida...



Mas a entrada no mundo dos adultos implica muitas outras dimensões e acarreta consigo um primeiro contacto com algumas responsabilidades que farão parte da vida futura, mas que o jovem poderá rezeir. A escolha de uma profissão, o sair de casa, o encontrar uma habitação, o constituir família enfim, uma série de responsabilidades sociais, financeiras, de deveres e direitos com que o jovem, gradual ou abruptamente, se vai confrontando. Fases de solidão, acontecimentos decepcionantes e insucessos podem ser traumatizantes e é essencial o devido acompanhamento da família, dos professores e companheiros. O jovem prepara-se para dar entrada no mundo dos adultos, mas este é diferente do dos seus pais: as influências são marcadas pela atualidade, as experiências têm um outro contexto, num crescimento marcado por uma dualidade entre dois percursos, social e individual, que se acompanham, por vezes, em conflito, outras de forma mais harmoniosa.

A sexualidade sempre foi um tema de difícil discussão, sobretudo para crianças. A curiosidade, a descoberta das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descoberta das carícias e a fonte incontestável de prazer que o sexo representa, fizeram do assunto um tabu e algo que “não é conversa para crianças” contribuindo ainda mais na imaginação de cabecinhas ansiosas por informações.

A sexualidade engloba a identidade sexual (masculino/feminino), os afetos e a auto-estima, isto é, os nossos sentimentos em relação a nós próprios e em relação aos outros, em relação a todas as mudanças do nosso corpo, todas as alterações físicas e psicológicas ao longo da nossa vida, o conhecimento da anatomo-fisiologia do sexo feminino e masculino, a higiene na puberdade, a gravidez, o parto, a maternidade e a paternidade, os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis.

### **Sexualidade Infantil**

As teorias sobre o desenvolvimento sexual podem ser, seguindo a literatura, divididas em duas correntes: aquelas que tendem a dar ênfase à biologia inata (que pode ser incentivada ou inibida durante a infância) e aquelas que tendem a enfatizar a sexualidade como uma construção social (onde a sexualidade da criança é influenciada pela sociedade).

A sexualidade humana é definida como um conjunto de representações, vivências, valores, regras, determinações, simbologias pessoais, existenciais e coletivas que envolvem a questão da identidade pessoal do homem e da mulher. Ao contrário do que pensam os adultos, as crianças são seres humanos e, como tal, seres sexuados: dependem da nossa postura e ação para iniciarem o sexo com naturalidade e maturidade.

Não é fácil ser-se adolescente. É um período de grandes mudanças a nível familiar, social, emocional e, pessoal. É nesta fase que, de certa forma, o adolescente se torna pessoa, procura ganhar autonomia e tenta perceber qual a sua posição no mundo, sendo necessário, muitas vezes,



dar algum significado à sua própria existência. O corpo é o lugar de muitas destas mudanças - este corpo vai, progressivamente, adquirindo características de adulto e perdendo os traços de criança: não é pouco frequente a sensação de se estar a habitar um corpo estranho, como se um dia o adolescente tivesse acordado e descoberto ter encarnado num invólucro desconhecido que se controla com alguma dificuldade; pior, este corpo parece ter vontade própria e, quando menos se espera, tem reações estranhas: a cama aparece molhada de manhã, quando se acorda; começa-se a sangrar dos sítios mais inesperados e sensações estranhas surgem quando se fica excitado sexualmente.

É, desta forma, natural que o adolescente se sinta invadido por dúvidas relacionadas com o que se passa no seu corpo, com estas transformações e erupções que o deixam algo perplexo, sendo compreensível que procure esclarecer estas dúvidas das formas que puder, pois é algo que lhe diz respeito, que o perturba e espanta. Esta necessidade do adolescente esclarecer as suas dúvidas e os meios que ele encontra para o fazer leva a que a sexualidade, nesta fase da vida se transforme numa moeda de troca para com o mundo. Ou seja, ao ter que ir buscar a informação que não tem, em algum local, o adolescente vai ter que entrar em diálogo e em interação com o seu meio. A sexualidade transforma-se, assim, num importante significante utilizado pelo adolescente nas suas interações com os outros.

Antes ainda de procurar a sua informação diretamente naqueles que o rodeiam, o adolescente vai procurá-la nos meios que tem disponíveis ao seu alcance, pois já percebeu que a sexualidade não é uma temática acerca da qual se fale abertamente e sabe que poderá ser repreendido se falar sobre o assunto ou, então, que irá provocar constrangimento se o fizer, pelo que há que ter cautela e, primeiro, procurar pelos próprios meios a informação desejada.

É comum a discussão sobre questões ligadas à sexualidade nos meios de comunicação social, nomeadamente em revistas dedicadas aos próprios adolescentes; a *internet* é um meio que os jovens dominam e que permite o acesso a uma grande quantidade de informação, entre a qual se encontra uma vasta quantidade de dados sobre sexo; várias linhas telefónicas de ajuda existem sobre esta temática, nas quais os jovens, na segurança proporcionada pelo anonimato, podem colocar e esclarecer as suas angústias mais íntimas.

No entanto, esta fase informativa faz com que o adolescente tenha já muitos dados, quando passa a uma outra fase – a fase da procura de informação junto dos outros. E esta fase surge muito da necessidade de verificar se aquilo que ele sente e se aquilo por que está a passar é único, ou se existem outros que tenham a mesma experiência. Não raras vezes o jovem se questiona sobre a normalidade dos seus sentimentos, já para não falar das dúvidas sobre as formas do seu corpo.

O corpo passa a ser, ele também, um poderoso meio de comunicação: meio de comunicar estados afetivos, meio de protestar contra o sistema, contra os pais, contra a escola, mas também



de demonstrar interesse, disponibilidade ou indisponibilidade em relação aos outros. De chocar ou atrair. Assim, se já de uma forma não verbal se torna possível interagir com os outros, a utilização da palavra adquire um papel fundamental por permitir a troca de experiências e de informações. Com os **amigos**, falar sobre sexualidade adquire a função de “moeda de troca”. Falar com os amigos e colegas é uma das formas mais habituais de aquisição de informação sobre sexualidade junto dos jovens. E é possível perceber porquê: é através dos amigos que o processo de socialização se efetua, são os amigos que vão ser investidos na proporção direta de que os pais vão ser desinvestidos, é com eles que se cria uma intimidade emocional e afetiva que os torna confidentes dos problemas e angústias. Os amigos, assim, tornam-se conselheiros por excelência nos momentos difíceis, depositários dos sonhos e fantasias, dos projetos, bem como das ansiedades.

O fato dos adolescentes procurarem informação sobre sexualidade junto dos amigos tem as suas vantagens e desvantagens. Por um lado, sabemos que a influência dos amigos se conta de entre as mais intensas neste período, acabando por ser uma moeda valiosa; as desvantagens prendem-se com o fato de que muitas vezes os conhecimentos que os adolescentes têm sobre sexualidade são incorretos, fundamentados em crenças deturpadas ou falsas.

Um papel importante nesta procura de informação dos adolescentes sobre sexualidade é o dos **pais**; relativamente a eles, podemos dizer que são fontes de informação a peso de ouro por diversos motivos: para começar, é no contexto da família que os adolescentes vão obter de tudo um pouco, o essencial que lhes vai valer para a vida; o seu equilíbrio emocional, a sua personalidade, os seus valores, todos são fortemente influenciados pela convivência e educação dos pais. Desta forma, também em matéria de sexualidade, o básico vai ser obtido no contexto social que melhor conhecem, ou seja, a família, em que o não verbal tem um peso importante: é mais por aquilo que se presencia e que se observa do comportamento e atitudes dos pais que os jovens vão construindo o seu próprio conceito de sexualidade.

Assim, mesmo nas famílias em que não se fala sobre este tema, as questões associadas aos papéis de género, ou seja, as tarefas que são consideradas como sendo da responsabilidade dos homens e das mulheres, a expressão dos afetos, de entre muitas outras questões, são fornecidas logo com o leite materno. Daí que seja quase um lugar comum dizer que a educação sexual se faz desde o berço e essencialmente pelos pais, primeiros agentes no processo de transformar a criança em pessoa. O peso de ouro que os pais adquirem neste processo advém exatamente desta sua função, até porque não é necessário que se fale sobre sexualidade em casa para que, logo à partida, os adolescentes adquiriram toda uma postura face a estas questões que os vai acompanhar durante toda a sua vida. Isto não quer dizer que não seja necessário falar de sexualidade em casa. Tal é, não só importante, como essencial para o à-vontade com que os adolescentes irão encarar a sexualidade, além de que lhes vai abrir as portas para que, de fato e de uma forma ativa, procurem informação junto dos pais quando de tal necessitarem.



Por último, mas nem por isso menos importantes, vêm os **professores**. Qual é o preço da informação que os professores podem dar sobre sexualidade? Qual o valor das suas atitudes e posturas no decurso das suas aulas e fora delas? Há que não esquecer que uma parte considerável do tempo dos adolescentes é passado em contexto de sala de aula com os seus professores e professoras. Assim, se é com os pais que o básico da personalidade e capacidades dos adolescentes se vai formar, é com os professores que uma vasta quantidade de informação pode ser coletada, consolidada e, desta forma, enriquecida a personalidade dos adolescentes, também no que respeita à sexualidade. Da mesma forma que com os pais, esta transmissão de conhecimentos e valores não passa apenas por aquilo que se diz nas salas de aula, mas também por aquilo que se faz: as atitudes, os gestos e as posturas dos professores são um veículo de valores, conceitos e preconceitos sobre questões tão básicas como os papéis de género, o conservadorismo ou o liberalismo na abordagem da sexualidade. É também através da forma como o professor lida com estas questões que um adolescente se poderá sentir mais confortável em procurá-lo para pedir ajuda para algum problema que tenha – por exemplo uma gravidez não desejada. Aqui as coisas funcionam um pouco como um “fundo de investimento”: se os professores têm a disponibilidade e o à vontade para abordar as questões da sexualidade na sala de aula, então mais facilmente os alunos se lhes irão dirigir com dúvidas nesta área e os procurarão se necessitarem.

Obviamente que nem sempre é fácil para os próprios professores falar sobre sexualidade com os alunos, nas aulas ou fora delas. Muitos não tiveram a possibilidade de, ao longo do seu próprio desenvolvimento, falar com alguém, pai, mãe, professor ou técnico, sobre estas questões; tão pouco tiveram formação adequada e específica sobre como abordar a educação sexual em sala de aula. Isto deixa-os frequentemente numa posição de insegurança face à abordagem destas questões, mesmo que para tal tenham motivação.

A introdução da educação sexual nas escolas é uma realidade. De acordo com as linhas orientadoras para a introdução da educação sexual em meio escolar (Ministério da Educação et al., 2000), a sexualidade deverá ser abordada de forma transversal aos currículos escolares, ou seja, não irá haver uma nova disciplina específica de educação sexual mas, em cada uma das disciplinas já existentes nos diferentes graus de ensino, deverão ser abordadas questões relacionadas com a sexualidade articuladas, obviamente, com os respetivos currículos. Os jovens de hoje em dia vão ter um privilégio que a grande maioria dos atuais adultos e adolescentes adultos não teve durante o seu crescimento e percurso escolar que é o de terem acesso a uma abordagem da sexualidade no contexto da escola, permitindo-lhes a possibilidade da integração de informações e valores ao longo do seu desenvolvimento.

Este é um investimento que sendo feito hoje pode dar grandes lucros no futuro, ao diminuir o desconhecimento, as falsas crenças, o conselho benevolente mas tecnicamente incorreto que, na verdade, só complica em vez de ajudar. Não irá, certamente, resolver todos os problemas do





mundo ou, à nossa escala, do país, mas poderá, a seu tempo, diminuir alguns dos graves problemas de saúde que afetam os nossos adolescentes, dos quais o HIV e a gravidez não planeada são apenas exemplos. “Moedas de troca”, “pedras preciosas”, “fundos de investimento” e “pesos de ouro” são valores que continuarão, certamente, a fazer parte do quotidiano dos adolescentes.

### **Educação Sexual**

No seguimento dos fatos referidos anteriormente, surge a essência deste estudo, a educação sexual. A educação sexual é o processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e seus comportamentos, tendo como objetivo o desenvolvimento de competências nos jovens, de modo a possibilitar-lhes escolhas informadas nos seus comportamentos na área da sexualidade, permitindo que se sintam informados e seguros nas suas opções. Assim, a educação sexual para os jovens tem como objetivo conseguir uma melhoria dos seus relacionamentos afetivo-sexuais, ao mesmo tempo que pretende reduzir as possíveis consequências negativas destes comportamentos, tais como a gravidez não planeada e as doenças sexualmente transmissíveis (DST). Tem, também, como meta a necessidade de dotar os mais novos da capacidade de proteção face a todas as formas de abuso e exploração sexual, devendo, igualmente, contribuir para a tomada de decisões conscientes na área da sexualidade durante toda a vida.

A informação sobre a sexualidade é uma vertente essencial na Educação Sexual, mas não é suficiente. A informação na educação sexual deve ter sempre em conta a diversidade de fontes informativas (família, escola, amigos, livros e revistas, *Internet*, ...), perceber o que é conhecido, corrigir o que foi incorretamente compreendido e acrescentar os conteúdos em falta. Sem uma informação correta, discutida e atualizada em diversos contextos, aumenta a possibilidade de comportamentos de risco.

### **Educação Sexual no meio Escolar e Familiar**

O indivíduo é resultado da sua formação, do seu tempo, da sua família, das suas experiências, crenças, religiões, dos seus conceitos, dos livros que leu, dos filmes que assistiu. Portanto, é um ser essencialmente subjetivo e, por esse motivo, é pertinente que a escola desenvolva um trabalho de orientação sexual que possibilite à criança o entendimento das transformações que vão ou estão a ocorrer no seu corpo, de forma natural e sem tabus.

Resta perguntar: Quem poderia suprir esta necessidade? Quem vai educar as crianças para a sexualidade e para a vida? E quem são, afinal, os responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade? Os primeiros e principais responsáveis são os pais.



E quem são os adultos que, pelo menos em tese, deveriam aliar-se aos pais nessa difícil tarefa de educar? Os professores, claro! É necessário, hoje, a escola assumir essa responsabilidade de educar estes cidadãos. O professor cada vez mais precisa de estar preparado para esta árdua tarefa: um bom professor deve ter o desejo de exercer cada vez melhor a profissão a que se dedica, estar ciente da responsabilidade que carrega ajudando o aluno a fazer as suas próprias descobertas. Hoje em dia, o professor não é apenas aquele que transmite o conhecimento, mas sobretudo aquele que subsidia o aluno no processo de construção do saber.

A educação sexual da criança depende, em muito, da educação sexual do professor: criar um conceito positivo, de etapas belas e únicas da vida, que deve ser seriamente compreendida para ser plenamente vivida; mostrar a construção histórica da adolescência, as diversas formas como as sociedades tratam os seus adolescentes, trabalhar algumas estatísticas sobre a população jovem e adolescente no mundo de hoje e dar oportunidades para debater sobre as dificuldades que os adolescentes passam neste período: a crise com os pais, a mudança nos papéis sociais, o apelo do mundo do trabalho, o consumismo, as experiências afetivas e as identificações com modelos sociais; interpretar a rebeldia do adolescente como uma etapa necessária à formação e a emancipação da personalidade jovem e madura; dar informações gerais, que serão desenvolvidas nos temas seguintes, sobre as mudanças corporais e sociais dos corpos menino/menina.

Para isso é imprescindível ser profissional que domine não apenas o conteúdo do seu campo especificamente, mas também a metodologia e a didática eficiente na missão de organizar o acesso aos alunos e não apenas saber de terminadas matérias, mas saber “da e para a vida”, saber ser, com ética, dignidade, valorizando a vida, a saúde, o meio ambiente, a cultura, educar para a felicidade plena como ser humano. Por outras palavras, muito mais que transmitir conteúdos das matérias curriculares, organizadas, programadas para o desenvolvimento intelectual da humanidade é preparar, ensinar a ser cidadão, mostrar aos alunos os seus deveres e os seus direitos; é preciso mostrar que existem deveres e que as responsabilidades sociais devem ser cumpridas, por cada um, para que todos vivam com dignidade.

Tanto a família, como a escola, são insubstituíveis no processo de educação sexual: uma não substitui a outra e ambas se completam: a criança precisa de pais e de professores, e da existência de uma interação fácil entre os mesmos, não misturando os diferentes papéis, mas preservando-os. Preconiza-se o bem-estar na família e na escola; os pares, a família e a comunidade desempenham também o seu papel de modelos sociais e proporcionadores de contextos ligados à proteção mas também ao risco.

O trabalho de educação preventiva ligado à sexualidade envolve a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. A faceta mais marcante da sexualidade, no contexto escolar, é o fato de ser uma das características humanas mais determinadas e moldadas pelo processo de socialização - o que cada um de nós é, fantasia, deseja ou põe em prática a nível sexual é o



resultado de um processo de interação e aprendizagem contínuo, realizado num contexto formal (a escola ou a religião, por exemplo) ou informal (os meios de comunicação social são o exemplo por excelência). Uma vez que todas as sociedades procuram, formal ou informalmente, transmitir valores fundamentais e normas de conduta no que à sexualidade toca, a Escola tem um papel a desempenhar neste âmbito, enquanto espaço privilegiado de socialização para as crianças e os jovens.

Voluntária ou involuntariamente, a Escola é um lugar onde se constroem saberes e que suscita vivências ao nível afetivo-sexual (“faça as contas” à sua vida sentimental e veja se não é verdade que conheceu a maior parte dos(as) seus(as) namorados(as)... na Escola) e que não se pode furtar a uma abordagem formal, estruturada, intencional e adequada de um conjunto de questões relacionadas com a sexualidade humana, a qual é comumente designada educação sexual em contexto escolar.

Cabe à Escola esforçar-se para formar agentes educativos (pessoal docente e não docente, psicólogos,...) que ajam de forma adequada e coerente face às dúvidas que lhes são colocadas; abordar de forma pedagógica os temas da sexualidade humana, privilegiando o espaço turma; apoiar as famílias na educação sexual de crianças e jovens, envolvendo-as no processo de ensino/aprendizagem e/ou em atividades específicas; estabelecer mecanismos de

apoio individualizado e específico às crianças e jovens que dele necessitem.

A educação sexual tem como objetivo a integração harmoniosa das diversas facetas da sexualidade humana, promovendo a aquisição de uma postura responsável, flexível e gratificante de crianças e jovens enquanto seres sexuados. Neste sentido, a educação sexual foi pensada através de uma abordagem transversal não reducionista, isto é, respeitando uma estrutura multifacetada da sexualidade humana, abordando relações interpessoais, responsabilidades, anatomia e fisiologia.

O primeiro grupo de estudo sobre «Sexualidade e Educação» aparece em 1971 no âmbito da «Reforma Veiga Simão» e funciona até 1973, produzindo uma actividade no âmbito da educação mista. A 24 de Março de 1984 surge o primeiro documento legal publicado sobre Educação Sexual em meio escolar, a Lei 3/84. O Estado garante deste modo o direito à educação sexual como componente do direito fundamental à educação. O Estado português tem vindo então a enquadrar legislativamente a educação sexual, quer a nível das Leis de Base do Ministério da Saúde, quer do Ministério da Educação. Todavia, só através do Decreto-Lei N.º 120/99 de Agosto de 1999 foram definidos e nomeados os conteúdos da educação sexual: sexualidade humana; anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor; SIDA e outras doenças transmitidas por via sexual; métodos contraceptivos e planeamento familiar; relações interpessoais; partilha de responsabilidades e igualdade entre os géneros.



## Legislação

Face à polémica gerada que referia a existência de um programa oficial de Educação Sexual onde constariam orientações pedagógicas muito questionáveis, o Ministério da Educação solicitou ao Conselho Nacional de Educação (CNE) que se pronunciasse sobre o modelo curricular a adotar nos programas de educação sexual a serem desenvolvidos em meio escolar e nomeou um grupo de trabalho para proceder ao estudo e propor os parâmetros gerais dos programas de educação sexual, na perspetiva da promoção da saúde escolar.

A síntese das principais conclusões do Parecer do CNE e do Grupo de Trabalho dá conta dos projetos que têm vindo a ser apresentados pelas escolas mostram que há ainda um longo caminho a percorrer no modo como a escola pode ajudar os jovens a integrarem plenamente no seu desenvolvimento as questões da sexualidade.

O parecer do Conselho Nacional de Educação (nº6/2005 de 27 de Outubro) reitera que a educação sexual em meio escolar é uma componente da área de Formação Pessoal e Social, que se enquadra na educação em valores e para os valores e recomenda ao Ministério da Educação as seguintes linhas de ação: definir uma matriz curricular global de abordagem da educação sexual no contexto dos conteúdos programáticos dos ensinos básico e secundário; valorizar o papel das famílias na implementação da educação sexual em meio escolar; considerar as diversas componentes de Formação Pessoal e Social prioritárias na formação inicial e contínua de professores; reformular os materiais curriculares existentes; aperfeiçoar o modelo transdisciplinar da educação sexual; criar uma nova área curricular não disciplinar que integre diversas áreas de Formação Pessoal e Social, incluindo a Educação para a Sexualidade, a Educação para a Saúde e a Educação Cívica; ancorar a Educação para a Sexualidade no projeto educativo das escolas; desenvolver e consolidar mecanismos de acompanhamento e avaliação de experiências e projetos de educação sexual em meio escolar.

O Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES), coordenado pelo Prof. Daniel Sampaio, apresentado em 31 de Outubro de 2005, propõe uma série de medidas para tornar mais efetiva a Educação Sexual/Educação para a Saúde em meio escolar, de entre as quais destacamos: a educação sexual deve ser integrada numa nova dinâmica curricular de Promoção e Educação para a Saúde; a Educação para a Saúde deverá assumir carácter obrigatório; a participação dos pais é considerada crucial em colaboração com a escola; o estudo, reorganização e revitalização dos currículos das disciplinas dos 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico na perspetiva da Educação para a Saúde é preconizado; as áreas curriculares não disciplinares podem ser aproveitadas para a abordagem da Educação para a Saúde em função das características da escola e dos docentes disponíveis com formação adequada; deverá ser eleito em cada escola um professor responsável pela área de Educação para a Saúde; no ensino secundário deverão ser criados Gabinetes de Atendimento para as questões da Saúde em articulação com o Centro de Saúde da área da escola.



A maioria das medidas refere as Áreas Curriculares Não Disciplinares (ACND), sobretudo a Área de Projeto e a Formação Cívica, como espaços privilegiados para o tratamento deste assunto. Além do aproveitamento das ACND, muitas escolas selecionam os principais temas da Educação para a Saúde para serem trabalhados nas diferentes disciplinas.

A educação sexual deve facultar aos jovens, para além da informação necessária, a oportunidade de compreender a dimensão afetiva da sexualidade, ajudando-os a compreender as emoções, os sentimentos e as decisões envolvidas no comportamento sexual. Costuma considerar-se que existem dois tipos de educação sexual, a informal e a formal. Na primeira, a aprendizagem processa-se de forma não intencional e está presente nas diversas vivências do quotidiano, pois o sujeito, mesmo que não receba qualquer formação específica na área da sexualidade, é sempre influenciado pela contínua transmissão de atitudes e crenças sobre o tema, nos diversos territórios onde se move. Este tipo de influência é importante, mas precisa de ser complementado por intervenções estruturadas e sistematizadas, com o objetivo de possibilitar aos jovens, um conjunto organizado de conhecimentos: a educação sexual formal, de carácter intencional. No processo global de educação sexual, é inevitável o entre cruzamento da aprendizagem formal e informal, fato que todos os programas deverão ter em conta, procurando a síntese possível.

A educação sexual em meio escolar destaca a escola como local privilegiado para possibilitar aos jovens um aumento dos seus conhecimentos na área da sexualidade, bem como reconhece a importância do território educativo para a promoção de atitudes e comportamentos adequados e com menores riscos.

## **METODOLOGIA**

### **Objetivos**

O nosso objetivo geral é conhecer as expetativas existentes em relação à implementação da educação sexual nas escolas e a perceção dos jovens relativamente a esta. Como objetivo específico queremos saber quais são as expetativas dos jovens relativamente às aulas de educação sexual e sua efetivação.

Assim, tentamos dar resposta às seguintes questões: Que tipo de conhecimento têm os jovens sobre o tema da educação sexual? Existirá alguma “ponte” criada entre o aluno, a escola e a sua família? Os jovens sentirão necessidade de um gabinete próprio, na escola, que tenha alguém capaz de lhes fornecer informação precisa e correta?



## **Delineamento do estudo**

Para proceder ao estudo houve reuniões com as Diretoras de Turma, da Escola X, onde foram tomadas as decisões necessárias para a administração dos questionários, combinando data e hora para a sua administração.

## **Participantes/local**

A amostra é institucional e não representativa, por conveniência, de trinta e nove (39) jovens da Escola X, com idades entre os 14 e os 18 anos (média=15,18 anos), sendo 20 do sexo feminino e 19 do sexo masculino.

## **Instrumentos**

Foi utilizado um questionário administrado em dois tempos distintos. Este questionário foi construído para o estudo em causa com a ajuda de professores da escola, nomeadamente os Diretores das Turmas e os professores responsáveis pelo Projeto “Educação para a Saúde”. Após algumas reuniões com os professores e, visto tratar-se de um tema delicado e com algumas lacunas a nível da sua implementação e abordagem, foi sugerido por aqueles que o questionário fosse apresentado de forma simples direta para que facilitasse a interiorização do mesmo, bem como a sua aceitação perante os alunos, visto tratar-se de um projeto em iniciação e ainda com pouca abordagem e abertura temática.

Perante este contexto, decidimos que a melhor forma, para se obter algumas respostas que fossem de encontro à investigação em curso, seria realizar um questionário direto com perguntas centradas nos conhecimentos e expectativas dos próprios jovens relativamente ao projeto e aos temas. Optámos pela administração do questionário em dois tempos distintos: um primeiro, no início do ano letivo, onde se analisaria os conhecimentos existentes e as suas expectativas perante o projeto e, um segundo, no final do ano letivo, para se proceder à verificação, ou não, das mesmas expectativas e a possíveis alterações, ou não, dos conhecimentos.

## **Resultados**

Apresentaremos apenas uma simples estatística descritiva para cada uma das perguntas do questionário.

◆ “Tens algum conhecimento sobre os temas educação sexual, toxicod dependência, álcool ou gravidez”? - Confrontados com esta pergunta, trinta e seis (36) dos inquiridos responderam que sim e apenas três (3) responderam que não.



◆ “Que assunto gostarias de conhecer melhor?” - Os alunos gostariam de ter mais informação sobre a educação sexual (20%), a toxicodependência e a gravidez (com 18%), seguido do álcool (11%); 9% respondem que gostariam de aprofundar os seus conhecimentos em todos os assuntos, no entanto 18% não respondeu e 7% não se mostra interessado.

◆ “Onde adquiriste a informação?” - Verificámos que é na escola (29%) e nos trabalhos realizados nesta (10%) que os alunos mencionam que obtiveram grande parte da informação, sendo de salientar também as conversas com os amigos (10%). Apenas 8% alegou que é em casa que obtêm a informação, igual percentagem para a internet e livros, revistas, panfletos e informação adquirida no Centro de Saúde também são referidos pelos alunos em percentagens reduzidas, (2%) e 10% não deu qualquer resposta.

◆ “Como visualizas o estudo da educação sexual no meio escolar?” - Confrontados com esta pergunta, podemos verificar que é bastante importante o estudo da educação sexual nas escolas, pois 16 dos inquiridos consideram o estudo muito importante e 15 referem que é importante, apenas dois (2) acham-no pouco importante, três (3) normal e um (1) que lhe é indiferente. Trinca e quatro dos inquiridos consideram que, se houvesse um melhor esclarecimento destes assuntos, situações como gravidez precoce, consumo de substâncias tóxicas e álcool, poderiam ser evitadas, apenas quatro (4) consideram que não seriam evitadas e um (1) não respondeu.

◆ “Assuntos de maior interesse” - Solicitando-lhes que classificassem numa escala de um (1) a dez (10) os assuntos que para eles têm maior interesse, sendo um (1) o de maior interesse e o dez (10) o de menor interesse, verificamos que para os alunos as doenças sexualmente transmissíveis é o que desperta maior interesse apontado por 12 dos inquiridos, seguido da 1.ª vez por nove (9), e da sexualidade na sua generalidade referido por seis (6) e a importância da escola na vida sexual do jovem anotado por quatro (4) dos inquiridos, o álcool e os seus efeitos por três (3), a relação entre sexualidade/drogas e álcool e a família e a sua intervenção com os jovens adolescentes referido por dois (2), respetivamente e a gravidez por um (1). As drogas lícitas e ilícitas (causas e consequências) e os métodos contraceptivos não mereceram qualquer referência por parte dos alunos.

◆ “Como adquiriste informação?” - É nos amigos (25%) que os jovens procuram a maioria da informação, seguida da escola (20%), com os pais e irmãos apenas 10% e 6%, a televisão (12%), internet (10%) e os livros (7%).

◆ “Consegues falar abertamente com os teus pais sobre os temas referentes à sexualidade? E com os teus irmãos?” - Vinte e um (21) dos jovens conseguem falar abertamente com os seus pais sobre os temas referentes à sexualidade, mas 18 dos inquiridos ainda responde que não falam abertamente; 24 dos alunos inquiridos responderam que têm irmãos mais velhos, sendo que apenas metade deles (50%) fala com os irmãos mais velhos sobre o assunto. Podemos concluir



que os jovens ainda não têm ou não encontram o apoio necessário em casa em relação ao tema sexualidade.

◆ “Sentes necessidade de um espaço na escola para colocar questões deste âmbito? E colocarias abertamente todas as tuas dúvidas em relação ao tema/assunto?” - Quanto à necessidade que os alunos sentem da existência de um espaço na escola para abordar estes assuntos, 17 responderam que sim, que sentem necessidade, enquanto 22 responderam que não sentem essa necessidade; dos 18 alunos que sentem necessidade de um espaço na escola para colocar questões sobre o assunto em estudo, 15 deles respondem que colocariam abertamente todas as dúvidas que têm sobre a sexualidade e 3 apontam que não colocariam as suas dúvidas.

◆ “Este espaço na tua escola vai ajudar-te a esclarecer as tuas dúvidas?” - Quando questionados sobre, se o espaço criado na escola, irá tirar-lhe dúvidas, 30 constatam que sim, enquanto que apenas oito (8) proferem que não e um (1) não responde à questão.

◆ “Recorrerias a este espaço, para te ajudar a evitar alguns destes comportamentos de riscos, ou deixa-los se já os iniciaste?” - Os inquiridos, em grande maioria (23), recorreriam a este espaço para prevenir comportamentos de risco, ou mesmo a deixá-los se já os tivessem iniciado; 14 dizem que não vão recorrer ao espaço escolar e dois (2) não responderam.

◆ “Se te surgisse alguma destas situações, ou outras, recorrerias a este espaço, sem receio, para que te pudessem orientar?” - Segundo os alunos inquiridos, este espaço ajudará a ter uma maior perceção dos problemas dos jovens na nossa sociedade: a grande maioria 30 destes afirma que sim, somente oito (8) considera que não e um (1) não respondeu.

◆ “Procura do espaço para uma orientação ou mesmo esclarecimento” - Em relação à procura do espaço para uma orientação ou mesmo esclarecimento de dúvidas, 26 dos alunos recorreriam a este espaço, 12 optariam por não aderir e um (1) não respondeu.

◆ “Na Escola ou em casa” - Tendo em conta o apoio que os jovens necessitam, e onde eles consideram que o podem encontrar, verificamos que 25 dos indivíduos encontram essa colaboração na escola, enquanto que 13 não encontram o apoio que procuram e um (1) não respondeu. Em relação à cooperação que procuram em casa, 27 dos alunos afirmam que a encontram enquanto 1 respondem que não e um (1) não respondeu.

◆ “Temas abordados” - Podemos concluir que os temas abordados na área de projeto, no estudo da educação sexual, foram estes: álcool e seus efeitos (16%), métodos contraceptivos (15%), DST – doenças sexualmente transmissíveis (14%), drogas lícitas e ilícitas – causas e consequências (13%), gravidez (12%), sexualidade na sua generalidade (8%), relação entre sexualidade/drogas e álcool (7%), importância da escola na vida sexual dos jovens (6%), 1.ª vez (5%), família e sua intervenção com os jovens adolescentes (4%).





◆ “Temas mais importantes” - Perante esta questão, 18% dos alunos responderam que foram as DST – doenças sexualmente transmissíveis e todos os temas em geral; 14% referiu os métodos contraceptivos, seguido das drogas lícitas e ilícitas e consequências. O álcool e seus efeitos, com 12%, a sexualidade na sua generalidade (8%), e a 1.<sup>a</sup> vez (4%). Não responderam 8% e 4% não achou nenhum tema importante.

◆ “Temas não abordados mas que o deveriam ser” - Dos temas que não foram abordados pelos alunos, os que eles gostariam de abordar são: a gravidez com 17%, seguido do álcool e os seus efeitos, e 1.<sup>a</sup> vez, com 10%, a sexualidade na sua generalidade, drogas lícitas e ilícitas (causas e consequências), relação entre sexualidade/drogas e álcool e métodos contraceptivos são apontados pelos alunos (2%). 2% dos alunos dizem que gostariam de abordar todos os assuntos, 2% apontam que nenhum e 44% dos alunos não respondem. Trinta e cinco (35) dos alunos acharam os temas importantes e esclarecedores, apenas três (3) responderam que não e um (1) não respondeu.

◆ “Quais os temas que gostastes mais?” - Os temas que os alunos apontam, como os que gostaram mais, são a sexualidade na sua generalidade com 17%, e também referiram que gostaram de todos com 12%, seguida da gravidez com 10%, drogas lícitas e ilícitas com 7%, álcool e seus efeitos e métodos contraceptivos com 5%; apenas 2% apontaram as doenças sexualmente transmissíveis e a relação entre sexualidade/drogas e álcool. É de referir que 22% não responderam à questão e 17% mostrou-se indiferente.

◆ - “Quais os temas que gostastes menos?” - Os temas apontados face a esta questão foram a gravidez com 13%, seguido do álcool e os seus efeitos (10%), drogas lícitas e ilícitas e doenças sexualmente transmissíveis e todos os temas (8%), a sexualidade na sua generalidade e os métodos contraceptivos foram referidos por 3% dos inquiridos, tendo em conta que 33% não responderam e 18% diz que Nenhum.

◆ “O espaço para esclarecimento de dúvidas influencia os teus comportamentos, podendo evitá-los?” - 29 dos alunos têm a opinião de que o espaço criado na escola, onde se pode dirigir para expor as suas questões e dúvidas está a influenciar a maneira como eles visualizam os riscos e, assim, podem evitá-los, enquanto que dez (10) não partilha a mesma opinião.

◆ “Achas que este espaço se está a revelar importante?” - De todos os inquiridos, 33 alunos consideram este espaço importante e apenas oito (8) não tem a mesma opinião.

◆ “A informação que está a ser fornecida poderá vir a ajudar-te futuramente?” - 32 alunos consideram que a informação que lhes está a ser facultada por este Projeto vai ajudá-los futuramente, sendo apenas sete (7) de opinião contrária.

◆ “Na tua opinião este projeto deve continuar?” - Para a grande maioria dos alunos (32), o Projeto deve continuar e apenas sete (7) manifestam opinião inversa.



◆ “Achas que deve alterar alguma coisa?” - Na opinião de 26 alunos, devem ser alterados alguns eventos do Projeto, 11 têm a opinião que está bem assim e 2 não respondem.

◆ “Um maior esclarecimento destes temas, vai ajudar-te a falar sobre eles, em casa, com facilidade e sabedoria?” - Quando questionados se um maior esclarecimento sobre os temas ligados à sexualidade dá uma maior abertura para falar, sem preconceitos ou tabus, facilita a abordagem, em casa com uma maior facilidade e sabedoria, 28 dos alunos afirmam que sim, enquanto que dez (10) respondem que não e um (1) não respondeu.

## REFLEXÃO FINAL

É notória e cada vez mais há necessidade da existência de um espaço nas escolas onde se trate de temas como a educação sexual, a toxicodependência, a gravidez na adolescência e o aborto. Pensamos que é um projeto com futuro que deverá ser alargado e aprofundado de forma a evitar este tipo de situações. Além das aulas de educação sexual, que permitem ao aluno ter um espaço onde vai aprender e consciencializar-se destas problemáticas, poderão ainda tirar as suas dúvidas em relação às questões abordadas. Esta necessidade, que é visível, deverá ser resolvida por um grupo de pessoas especializadas e com profissionais multidisciplinares, de forma a conseguirem um acompanhamento total, individual, contínuo e proveitoso. Esta equipa deverá ser composta por um psicólogo, um assistente social, um professor e um enfermeiro, ou seja, uma equipa multidisciplinar.

Muitos adultos na nossa sociedade ocidental permanecem contrários a programas de educação sexual nas escolas: uns porque acreditam que a educação sexual, mesmo quando só iniciada na puberdade, é prematura para jovens menos maduros e pode levá-los à promiscuidade, outros porque acham que as informações sobre o sexo só devem ser dadas pelos pais na intimidade do lar. Contudo, temos hoje nas escolas, pelo menos teoricamente, todos os jovens com idades entre os 6 e os 15 anos e todos sabemos que muitos dos pais não discutem questões relativas à sexualidade ou porque não sabem, ou porque não têm tempo, ou porque não se sentem à vontade para o fazer.

A educação da sexualidade faz parte da educação global do ser humano e, como tal, deve ser tratada com o mesmo cuidado que qualquer aspeto da educação da nossa juventude nos deve merecer.



## CONCLUSÕES

Dos 39 alunos, 36 já revelam já ter conhecimento sobre o tema, tendo sido na escola onde adquiriram a maioria do conhecimento sobre o assunto, apesar de aparecer numa linha muito inferior a casa, onde o tema continua a ser abordado mas muito pouco.

Perante a vasta temática da educação sexual, as DST continuam a ser o tema que mais preocupa os alunos e a gravidez o que menos preocupa, apesar de ser uma escola onde já existiram vários casos de gravidez.

Apesar de o tema continuar a ser um assunto tabu, quando questionados sobre se falam abertamente sobre o assunto com os pais ou com os irmãos mais velhos o “sim” e o “não” está muito equilibrado.

Na sua maioria, os alunos não sentiam necessidade de um espaço destes, mas caso este existisse colocariam as suas questões abertamente e dizem mesmo que os ajudaria a ter mais preocupação relativamente aos problemas dos jovens na nossa sociedade, o que nos mostra alguma contradição.

Os inquiridos, na sua maioria, dizem que encontram apoio tanto na escola como em casa, revelando que esta iniciativa é importante, devendo assim continuar, pois ajuda a prevenir futuras atitudes e a abordar mais facilmente o tema em casa.

Concluimos, deste estudo, que o assunto abordado – Educação Sexual na Escola - continua a ser um assunto tabu tanto dentro da escola como fora, sendo que os professores não têm uma formação específica sobre a matéria e algum receio de a abordar; também em casa assuntos como a educação sexual não são abordados. As informações que alguns dos adolescentes têm são obtidas através de livros, pesquisas na internet, ou, eventualmente, através de algum irmão mais velho.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baldwin (1997). *Introdução e Comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova e Mundo Cristão.

Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Erikson, E. & Erikson, J. (1998). *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

López, F. (2000). *Homossexualidade e família – Novas estruturas*. Brasil: Artmed Editora.

Matos, M. (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses*. Lisboa: Editora FMH.

Nodin N. (2002). *Dicionário de sexualidade, Comentando e aprendendo a sexualidade*. Brasil: Editora Expressão de Arte.

Nodin N. (2002). *Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do séc.XIX*. Lisboa: APF.

Nodin N. (2002). *A sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertand Editora.

Sprinthall, N. & Collins, W.A. (1999). *Psicologia do adolescente. Uma abordagem desenvolvimentalista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

